

No programa inaugural, Geisel explica a Velloso, autor de "O último trem para Paris", como pôs a democracia nos trilhos

Na TV, 50 anos de Brasil

(Con - Brasil)

14 AGO 1988

ESTADO DE SÃO PAULO

Série coordenada
pelo ex-ministro Reis
Velloso vai debater
economia e política

RIO — O Brasil que nós conhecemos hoje tem duas faces: uma moderna, representada principalmente pelo seu parque industrial, cujas origens remontam a 1930. E a outra praticamente provinciana, cristalizada no autoritarismo e clientelismo do Estado. Essa é a primeira constatação construída ao longo dos episódios iniciais da série "O Último Trem para Paris", que estréia na próxima quinta-feira, às 22h30, na TV-Educativa do Rio, e, em São Paulo, na TV Gazeta. O programa reúne alguns dos nomes mais expressivos da economia, sociologia e ciência política do Brasil, sob a coordenação do ministro do Planejamento dos governos Médici e Geisel, João Paulo dos Reis Velloso. E o desafio é responder ao suspense colocado no final desses 50 anos de história econômica do Brasil: qual o futuro que espera este país?

São, ao todo, dez episódios semanais e o primeiro apresenta uma entrevista feita por Reis Velloso com o ex-presidente Geisel, durante 11 minutos fazendo uma avaliação do seu governo. A partir do segundo capítulo, a ordem será cronológica, abrangendo desde a mudança do modelo agro exportador para a industrialização, a partir de 1930, até a Nova República e perspectivas de um projeto de modernização. Cada episódio, apresentado desde a Grande Depressão de 1929, será precedido por sequências de filmes com cenas históricas, entre elas a de montanhas de papel rasgado no dia do crack da Bolsa de Valores de Nova York que nessa mesma época, e a do ex-presidente Juscelino Kubitscheck ao lado do primeiro "fusquinha" fabricado pela Volkswagen, na década de 50. A parte central é um debate sobre os acontecimentos da época examinada com vários convidados. Por último, Reis Velloso faz um comentário de encerramento.

O ex-ministro procurou fazer da série "uma revisão crítica da história da modernização do Bra-

sil dos anos 30 aos 80, sem censura e sem maniqueismos". Por isso mesmo reuniu economistas de linhas tão diferentes quanto Roberto Campos, Edmar Bacha, Delfim Netto, César Maia e Miguel Reale para discutir, por exemplo, o período de Castello Branco a Médici. O resultado é uma polêmica em torno do chamado período do "Milagre Econômico", de 1970 a 1973, quando a economia bateu todos os recordes de crescimento (atingindo 11,4% em 1973), até que os sonhos da classe média ruíram com a crise do petróleo e a inflação mundial. Bacha lamentou o retrocesso nos indicadores sociais, no que foi contestado por Campos e Delfim. Por outro lado, Delfim chegou a admitir que foi excessiva a expansão dos bens de consumo duráveis na época do "Milagre", especialmente dos automóveis, cuja produção chegou a crescer 25,5% ao ano.

O elenco de debatedores reúne ainda convidados de peso como Mário Henrique Simonsen, Julian Chacel (ambos presentes no primeiro episódio), Antônio Barros de Castro, Bolívar Lamounier, As-

pásia Camargo, Winstona Fritsch, Ernane Galvães, Eduardo Modiano, Luiz Gonzaga Beluzzo, André Lara Resende, Afonso Pastore, Hélio Jaguaribe, Roberto Macedo e Fernando Henrique Cardoso, entre outros. Para quem estranhar o título da série, "O Último Trem para Paris", também dado ao mais recente livro de Reis Velloso, o ex-ministro explica: trata-se do título do romance de Anthony Burgess (mesmo autor de "A Laranja Mecânica"), no qual o personagem central consegue salvar um escritor, laureado com Prêmio Nobel e perseguido pelo nazismo, embarcando-o no último trem de Viena para Paris. No caso do Brasil, o "último trem", na opinião de Reis Velloso, foi o segundo Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), elaborado por ele em 1974 para tornar o País auto-suficiente na produção de insumos básicos e bens de capital, bem como para reduzir ao máximo as importações de petróleo. Sem muita modéstia, o ex-ministro afirma que o "buraco" que o Brasil tem diante de si seria ainda maior se o PND não tivesse sido implantado e que, provavelmente, não teria safra.